

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

10

O PLANETA ESTÁ ENFERMO SÔNIA GUAJAJARA

sônia guajajara

O PLANETA ESTÁ ENFERMO

APRESENTAÇÃO DO CICLO
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e
Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guajajara, Sônia

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 10 : o
planeta está enfermo / Sônia Guajajara ; idealização e coordenação
geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. -- São
Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo :
Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-20-6

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II.
Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180512

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Humanidade no plural

Refletir sobre o humano, levando em conta a pluralidade dessa condição, reaviva indagações que nos acompanham desde os tempos mais antigos. Como viver conjuntamente, em um mundo caracterizado pela multiplicidade de experiências e distribuição desigual de recursos? É possível enfrentar desigualdades, preservando as diferenças? De que forma encontrar o equilíbrio entre os seres, e entre estes e o ambiente?

Examinar as variadas formas que pessoas e grupos encontraram para morar e comer, se comunicar e rezar, trabalhar e fruir o tempo de lazer, tudo isso estimula o contato com a alteridade, convidando a um olhar sobre si - e pode, quem sabe, abrir portas à reinvenção.

Mobilizado por perguntas-chave, o ciclo “De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? Seres humanos e suas humanidades” instiga o debate e a reflexão sobre temas que atravessam a experiência humana, e que seguem se atualizando a partir dos contextos e da produção de sentido que elaboramos no mundo, em nossas relações e na diversidade.

Realizado pelo Sesc São Paulo, por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), a

partir da proposição dos educadores Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios, o ciclo contou com dez encontros online, de agosto a outubro de 2022, e reuniu pesquisadores e pesquisadoras com diferentes formações e atuações. O objetivo foi destacar diversos modos de pensar e problematizar as várias áreas que se interseccionam na construção do ser social, político, econômico e cultural, sobretudo após a drástica mudança de conjuntura que enfrentamos a partir de 2020, frente a uma crise sanitária em nível mundial.

A presente publicação reúne a transcrição das palestras e foi elaborada com o intuito de garantir o acesso e a circulação das ideias e provocações desenvolvidas em cada encontro.

Uma boa leitura.

SESC São Paulo

Apresentação

Respostas que nos ajudem a compreender e construir diariamente nossas humanidades.

Esta série de encontros “DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES” foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Andréa de Araújo Nogueira e Sabrina da Paixão Brésio.

Nosso agradecimento a todos os palestrantes e participantes dos encontros.

Com este projeto, pretendemos destacar alguns elementos no percurso dos seres humanos e na criação de suas múltiplas humanidades e destacar algumas das características que elas foram adquirindo, a partir dos encontros e desencontros das diferentes culturas nos diversos espaços de construção da vida social.

Acreditamos que o conhecimento proporciona os melhores instrumentos para investigar e

interpretar a realidade e propor mudanças significativas que aperfeiçoem a convivência, tendo como horizonte o bem comum.

Assim, a discussão sobre cada um destes temas procurará trazer respostas que nos ajudarão a entender melhor o ser humano e suas humanidades. E a pavimentar melhor nossos caminhos.

Queremos refletir sobre os desafios que temos enfrentado, e que na certa enfrentaremos, com as mudanças que acontecem a cada dia mais rapidamente, para encontrar algumas respostas que nos auxiliem na compreensão e na diuturna tarefa de construção de nossas sociedades, de nossas culturas, enfim, de nossas humanidades.

Terezinha Azerêdo Rios

ESTRUTURA DO CICLO

DE ONDE VIEMOS?

ONDE ESTAMOS?

PARA ONDE VAMOS?

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

**Ser humano, natureza e a transformação do planeta.
Que caminhos nós temos trilhado para chegar a tantas
humanidades?**

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO, CURADORIA

Fernando Rios

Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA

Terezinha Azerêdo Rios

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

PAULO FREIRE, *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA*

O pós-coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise. Poderia tanto ser apocalíptico quanto portador de esperança. Muitos comungam a certeza de que o mundo de amanhã não será o mesmo de ontem. Mas como será? A crise sanitária, econômica, política e social conduzirá ao desmembramento de nossa sociedade? Saberemos extrair lições dessa pandemia que revelou a comunhão de destinos para todos os humanos, em ligação com o destino biotecnológico do planeta? E eis que entramos na era das incertezas.

O futuro imprevisível está em gestação hoje. Tomara que seja para a regeneração da política, para a proteção do planeta e para a humanização da sociedade: está na hora de mudar de via.

EDGAR MORIN, *É HORA DE MUDARMOS DE VIA – AS LIÇÕES DO CORONAVIRUS*

INTRODUÇÃO

O progresso não consiste necessariamente em ir sempre adiante a qualquer custo.

UMBERTO ECO, PAPE, SATAN, ALEPPE – CRÔNICAS DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA

I

Raramente paramos para responder a algumas perguntas que atravessam séculos. Costumamos aceitar respostas prontas, para não aumentarmos nossas muitas preocupações. Grande parte das pessoas vive sem muitos questionamentos. Mas compreender o mundo e suas transformações pode ajudar na criação de uma vida melhor e de uma sociedade mais justa e solidária.

II

O que caracteriza fundamentalmente a realidade é o movimento. A transformação constante se manifesta em todos os espaços, sobretudo na vida e nas relações humanas. Portanto, estamos sempre mudando. Por que, então, destacamos o apelo de Morin? O que existirá nesta hora que indica a necessidade de uma mudança de caráter mais radical? Julgamos que há alguns aspectos que merecem atenção especial neste momento das histórias das humanidades. No lugar de um universo – ou de um pluriverso, como poderíamos dizer – passamos a fazer referência a uma metafísica do metaverso, instância de criação de subjetividades virtuais ainda não exploradas a não ser na ficção. Em quantos eus, reais ou virtuais, cada um de nós se multiplicará?

ENCONTRO I MAS EXISTE O HOMEM?

APRESENTAÇÃO DO CICLO
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO – CULTURA, SOCIEDADE,
HISTÓRIA.

CONVIDADO **JOÃO PAULO PIMENTA**

Mais do que falar numa natureza/essência humana, talvez valesse mencionar uma condição humana, uma vez que é próprio da humanidade ir se construindo, a partir da intervenção na natureza e da relação com os outros.

ENCONTRO 2 GANHARÁS O TEU PÃO COM O SUOR.

TRABALHO, LAZER, ÓCIO. DA PUNIÇÃO BÍBLICA AO HOME
OFFICE. ESCRAVIZAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS. CAPITAL E
TRABALHO. VIVER PARA TRABALHAR OU TRABALHAR PARA
VIVER

CONVIDADO **LADISLAU DOWBOR**

Trabalho é um conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim. A humanidade, bem ou mal, assalariada ou escravizada, sempre trabalhou. Está aumentando o número de desempregados? Aumentou a exploração do trabalhador? A inteligência artificial está substituindo a força de trabalho humana? O que é “Uberização”? Capital e trabalho continuam em conflito?

ENCONTRO 3 QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA

COMUNICAÇÃO: LINGUAGENS, LÍNGUAS, CONSCIENTE, INCONSCIENTE.

DA CAVERNA AO METAVERSO, O MUNDO CONECTADO. ARTE: DOMINAR O REAL, MITIFICAR, REPRODUZIR, EXPRESSAR EMOÇÕES

CONVIDADA **RITA VON HUNTY**

O ser humano é o animal mais comunicativo que existe. Simplesmente porque inventou vários jeitos, várias maneiras de expressar aquilo que experimenta, sente, pensa. Em cada ação há uma comunicação. O ser humano jamais se comunicou tanto! Com o corpo todo. Mas os seres humanos se entendem?

ENCONTRO 4 ANDAR COM FÉ EU VOU

ESPIRITUALIDADE, CRENÇAS, RELIGIOSIDADE, TRANSCENDÊNCIA. RAZÃO E EMOÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.

CONVIDADO **FREI BETTO**

O ser humano sempre manifesta o desejo de ser mais – essa é a sua dimensão de transcendência. Isso tem levado o ser humano a criar múltiplas interpretações sobre a vida e a morte, o natural e o sobrenatural. Cria mitos, seitas, religiões. Além das três mais difundidas religiões, há um sem-número de outras. Quantas razões precisamos para “enfrentar” a vida? Quantos significados? Por que precisamos superar a morte?

ENCONTRO 5 UMA CIDADE SEM PORTAS, DE CASAS SEM ARMADILHA.

CASAS E CIDADES, URBANO E RURAL. MEGALÓPOLES, FAVELAS, FLORESTAS E DESERTOS. ONDE MORA O SER HUMANO? A NECESSIDADE DE UM URBANISMO SUSTENTÁVEL

CONVIDADA **RAQUEL ROLNIK**

As primeiras cidades surgiram e se desenvolveram-se na Mesopotâmia, em torno do Rio Eufrates, cerca de 3500 a.C. A partir daí, a humanidade registrou, através dos tempos, um movimento do campo para a cidade. Surgem as megalópoles. Mas o inchaço das cidades não trouxe boa vida para a população. Que cidades podemos esperar num mundo de 8 bilhões de habitantes?

ENCONTRO 6 É IMPOSSÍVEL SER HUMANO SOZINHO

AGRUPAMENTOS, COMUNIDADES, SOCIEDADE, LAÇOS, CONFLITOS, VIDA POLÍTICA. AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA, CRUELDADE.

CONVIDADO **TALES AB'SÁBER**

Viver é conviver. Como tem sido a constituição de comunidades em várias partes do mundo? O que trouxemos dos hominídeos? E dos povos originários? E as diferentes famílias da atualidade? Mesmo com conflitos, guerras, adversidades, consciente ou inconscientemente, os seres humanos e as sociedades têm buscado uma convivência pacífica. Conseguiremos?

ENCONTRO 7 COMER PARA VIVER OU VIVER PARA COMER?

AGRICULTURA E PECUÁRIA. FOME E ABUNDÂNCIA. ALIMENTAÇÃO, GASTRONOMIA. O CORPO E SEUS MODELOS. HÁ COMIDA PARA AS HUMANIDADES?

CONVIDADA **MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO**

Foi com a domesticação de vegetais e animais, cerca de 10.000 anos AC, a partir do crescente fértil, uma região localizada entre os rios Tigre, Eufrates, Jordão e Nilo, que a humanidade ampliou sua capacidade de sobreviver. A população mundial deverá ter quase 10 bilhões de pessoas em 2050. A produção de alimentos terá que aumentar 70%, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Conseguiremos?

ENCONTRO 8 O MUNDO É UMA ESCOLA

EDUCAÇÃO: PRESERVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA. O QUE OS POVOS ORIGINÁRIOS NOS ENSINAM? A PÓS-PANDEMIA. AULAS PRESENCIAIS E À DISTÂNCIA. A INTERNET E O PROFESSOR GOOGLE. AVALIAÇÃO DO CICLO.

CONVIDADO **CÉSAR APARECIDO NUNES**

A educação é um processo de construção contínua da humanidade, de socialização da cultura, de criação, recriação e partilha de conhecimentos e valores. A velocidade com que essas mudanças acontecem é reflexo dos avanços tecnológicos que, nos últimos tempos, vêm gerando uma revolução em todos os setores. Como será a escola acoplada à tecnologia digital? Que educação vem por aí?

ENCONTRO 9 PROGRESSO A QUALQUER PREÇO?

TECNOLOGIA. OS OSSOS E A PEDRA POLIDA. O FOGO E A RODA. OS METAIS, OS TRANSPORTES, OS TIPOS MÓVEIS. A COMUNICAÇÃO DE MASSA. A COMUNICAÇÃO DIGITAL. O METAVERSO.

CONVIDADA **TATIANA ROQUE**

Desde sempre, a tecnologia faz parte da humanidade. Quais tecnologias contribuíram para mudá-la significativamente? A cada dia, uma inovação tecnológica é introduzida no contexto social. Em franco progresso estão a Inteligência Artificial, o Metaverso, a Biologia Genética, a Robótica. seres humanos concorrerão com espécimes criadas artificialmente.

ENCONTRO 10 O PLANETA ESTÁ ENFERMO

MEIO AMBIENTE NO BRASIL E NO MUNDO; CAPITALISMO, CONSUMO E CONSUMISMO; DESMATAMENTOS, RESÍDUOS, POLUIÇÃO; MODA E MODISMOS. É POSSÍVEL ENFRENTAR A DOENÇA PLANETÁRIA?

CONVIDADA **SÔNIA GUAJAJARA**

Nós, seres humanos, somos consumidores desde que iniciamos nosso périplo pela Terra. Originalmente, havia tempo para a caça e pesca, para a família, para festas e rituais. Com a transformação das sociedades e com o advento do capitalismo, um novo comportamento se consolidou na sociedade: o consumismo. Esse consumo desenfreado está comprometendo a sobrevivência da humanidade.

giovanna benjamin togashi

Introdução

Olá. Bom dia a todas e todos, sejam bem-vindas e bem-vindos ao ciclo: *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, com curadoria da filósofa e professora Terezinha Azerêdo Rios e do jornalista e antropólogo Fernando Rios.

Antes de dar início à nossa conversa de hoje, algumas informações.

O encontro é ao vivo e síncrono. A gravação não será disponibilizada. As perguntas devem ser feitas via *chat* e serão repassadas à mediadora. A declaração de participação pode ser solicitada por e-mail em declaração.cpf@sescsp.org.br. Coloque seu nome completo e o nome e a data da atividade.

Agora tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros. Terezinha Azerêdo Rios, que é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestra em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra à professora para a apresen-

tação da nossa convidada de hoje e deixo a todos e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

O planeta está enfermo! O que faz o homem neste planeta?

Muito bom dia para todo mundo. Quero agradecer a presença de vocês e muito particularmente da nossa convidada especial para encerrarmos juntos este ciclo: *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* Brinquei desde o primeiro encontro que a proposta tinha que ser também considerada em mineirês: *doncovim? oncotô? proncovô?* E a pergunta aí embutida aí: *quemcosô?*

Quem somos nós, os humanos? Como temos construído essas diversas e múltiplas humanidades? As perguntas são antigas e têm tido inúmeras respostas, mas nem sempre elas nos satisfazem. Por isso mesmo é que trouxemos a proposta de retomá-las, de fazer uma reflexão sobre elas, pensando como é que temos configurado essas múltiplas humanidades, se elas têm ido ao encontro daquilo que desejamos como o bem comum, como aquilo que é nuclear numa perspectiva ética.

Desde o início, tivemos buscado o apoio na obra, nas referências de Carlos Rodrigues Brandão (1940), que diz em um de seus livros mais recentes que os seres humanos são os artesãos do oitavo dia¹. Brandão pega a me-

1 NÓS, OS HUMANOS: DO MUNDO À VIDA, DA VIDA À CULTURA
CARLOS RODRIGUES BRANDÃO
Editora Cortez, 2018.

táfora da criação em sete dias e diz que o criador, no sétimo, descansou e nos entregou a tarefa de seguir adiante. O desafio tem sido esse. Somos livres para criar o mundo. Temos interferido nele. E, volto a perguntar:

- Temos mesmo feito aquilo que seria desejável?

Por isso mesmo é que fomos buscar, e eu vou hoje retomar a Carlos Drummond de Andrade, num poema belíssimo, que se chama *Especulações em torno da palavra homem*², no qual ele indaga sobre as características que a gente tem. Ele diz:

*Mas que coisa é homem, que há sobre o nome:
uma geografia, um ser metafísico, uma fábula
sem signo que a desmonte? Como pode o homem
sentir a si mesmo quando o mundo some? Como
vai o homem junto de outro homem sem perder
o nome?*

Lá vai o Drummond indagando e no final ele pergunta:

2 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Aeroplanos da Birmânia

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos? Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem e sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte, que milagre é o homem, que sonho, que sombra, mas existe o homem?

E a gente foi no decorrer do ciclo tentando mostrar que ele existe e como existe, problemática, ricamente, e chegamos agora a perguntar pelo que faz o homem neste planeta e trouxemos alguém que, sem dúvida, vai poder contribuir com a sua rica experiência para pensarmos sobre isso.

O planeta está enfermo! Buscamos a contribuição de Sonia Guajajara, que é política, professora, graduada em Letras e Enfermagem, pós-graduada em Educação Especial. Que é do povo guajajara/tentehar que habita nas matas da terra indígena Araribóia, no estado do Maranhão. Ela recebeu vários prêmios pela sua atuação em prol dos povos originários, dos direitos humanos, entre eles: o Prêmio Ordem do Mérito Cultural 2015 do Ministério da Cultura; Medalha Honra ao Mérito do Governo do Estado do Maranhão; prêmio Packard da Comissão Mundial de áreas protegidas da União Internacional para Conservação da Natureza (UICN). Ela compõe o Conselho da Iniciativa Interreligiosa pelas Florestas Tropicais do Brasil, um programa da ONU. Foi eleita pela revista Times, estadunidense, uma das cem pessoas mais influentes no mundo.

Contávamos com a Sonia antes e tivemos que fazer a modificação, porque naquele momento ela era candidata a deputada federal. Hoje a gente recebe a deputada federal Sonia Guajajara, a primeira indígena a participar da Câmara, com exatos 156.695 votos. Parabéns, Sonia. Temos uma alegria muito grande por você estar aqui, queremos recebê-la com carinho e já sabemos que a sua contribuição será rica para a gente fechar esse ciclo. MUITÍSSIMO obrigada. Estamos apreensivos neste momento, mas esperançosos, do verbo “esperançar”, de Paulo Freire. Seja bem-vinda, a palavra é sua.

10

SÔNIA GUAJAJARA



Chegou um momento em que nós (povos indígenas) entendemos que somente essa luta por meio do movimento indígena, fazendo a resistência no movimento social, não estava sendo suficiente para a gente demarcar nossos territórios, evitar os assassinatos, a violência, combater o desmatamento e tantos outros desmontes de direitos que vêm acontecendo. Então, entendemos que era importante ter representação indígena articulada com o movimento indígena também dentro da institucionalidade, dentro da política partidária.

sônia guajajara

A proteção do meio ambiente, entendendo os povos indígenas como centrais nessa defesa e nessa proteção.

Bom dia a todas, a todos e todes. Muito obrigada, professora Terezinha, Fernando, Giovana, obrigada pelo convite. Obrigada pelo espaço. Para nós, são sempre importantes estas oportunidades de falar, de dialogar com outras pessoas e atingir outros públicos que não comumente os nossos, que é alcançado pelo movimento indígena. Recebi o convite de fato ainda candidata e agora falo aqui já deputada eleita pelo Estado de São Paulo, pelo PSOL, e trago aqui essa representação da voz dos povos indígenas do Brasil, onde estive durante mais de vinte anos à frente do movimento indígena, seja estadual, regional ou nacional. Eu pude estar na coordenação executiva da COAPIMA por seis anos, que é a Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão. Em seguida, assumi a Coordenação Executiva da COIAB, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira por uma gestão de quatro anos. Mais recentemente, estive à frente da coordenação executiva da APIB, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil durante nove anos, com um intervalo de um ano, em 2018, onde compus a chapa presidencial com o Guilherme Boulos nas eleições de 2018. Daqueles nove anos, um ano estive em campanha eleitoral.

Em 2018, foi a primeira vez em toda a minha história que pude concorrer a um cargo por um partido político e também entrar na política partidária. Acho importante começar fazendo este resumo porque, por muito tempo, nós do movimento indígena resistimos a entrar na disputa eleitoral, a participar das eleições, porque a gente entendia que era importante manter nosso movimento organizado, mobilizado, fortalecido e não estar nas estruturas de Estado, entendendo que o Estado não dá conta de atender às nossas históricas demandas. E, uma vez a gente dentro da política partidária, em vez de cobrar, a gente ia ter que justificar as falhas, as negligências. Então, a gente tinha que ficar fortalecido do lado de fora para continuar pressionando, continuar reivindicando e lutando ali por aquilo que nos interessa.

Mas chegou um momento em que entendemos que somente essa luta por meio do movimento indígena, fazendo a resistência no movimento social, não estava sendo suficiente para a gente demarcar nossos territórios, evitar os assassinatos, a violência, combater o desmatamento e tantos outros desmontes de direitos que vêm acontecendo. Então, entendemos que era importante ter representação indígena

na articulada com o movimento indígena também dentro da institucionalidade, dentro da política partidária.

Foi assim que, em 2017, lançamos pela APIB uma carta que clamou por um parlamento cada vez mais indígena. E ali a gente já articulou para que pudéssemos nos manter mobilizados, fortalecendo o nosso movimento, mas que era importante ter pessoas também dentro das instituições públicas para que a gente pudesse ter voz, que pudesse também ter poder de decisão.

Foi nesse contexto, nessa discussão, que aconteceu o Acampamento Terra Livre¹. O Acampamento Terra Livre já é considerado a maior assembleia dos povos indígenas do Brasil e também a maior mobilização indígena do mundo. E é a assembleia que orienta a luta dos povos indígenas e que também discute as estratégias de enfrentamento. Então, o Acampamento Terra Livre é a assembleia que orienta a APIB.

Em 2017, tomamos essa decisão de que era importante a gente participar. Em 2018, já pude compor a chapa presidencial, que foi uma candidatura de duas lideranças vindas de movimentos populares: Guilherme Boulos, vindo da luta pela moradia urbana, e eu, vinda do movimento indígena. Nós nos junta-

mos a outros movimentos e organizamos uma candidatura que a gente chamou de Campanha Movimento e apresentamos ao partido. Não foi exatamente o partido que convidou a gente para estar ali levando as suas representações. Fomos nós que nos organizamos e apresentamos as nossas candidaturas ao PSOL. Foi muito importante, foi a primeira vez na história que um partido político recebe uma candidatura que veio de movimento social e acolhe uma candidatura, uma chapa de duas lideranças que nunca teve experiência ou que nunca teve candidaturas anteriores pelo partido. Foi muito interessante isso porque a gente pôde levar as pautas históricas que nunca foram defendidas por nenhum outro partido. E tinha o Guilherme levando toda essa luta pela moradia.

Eu trazia para o centro do debate público, para o centro do debate eleitoral, a proteção do meio ambiente, entendendo os povos indígenas como centrais nessa defesa e nessa proteção, por conta dessa relação que, naturalmente, os povos indígenas já têm com a Mãe Terra, com a natureza. Então, era muito importante trazer a pauta ambiental para o centro, porque costumeiramente o meio ambiente é sempre um debate secundarizado. É sempre um debate que nunca aparece como central. E nós entendemos que qualquer outra pauta precisa estar conectada com a agenda ambiental, principalmente a discussão sobre crescimento econômico, sobre como pensar

1 ACAMPAMENTO TERRA LIVRE
<https://apiboficial.org/atl2022/>

a economia do país, precisa estar conectada com a agenda ambiental.

Bancada do Cocar, a bancada indígena, candidaturas indicadas pelo movimento indígena.

Hoje não tem mais como fazer discussões separadas. E aí, foi assim que a gente trouxe, não foi uma eleição com vitória eleitoral bem-sucedida, mas foi um ganho político muito grande para nós, porque ali a gente pôde consolidar uma aliança forte com outros movimentos, outros setores da sociedade e também começar a discutir a importância de ter representações indígenas nesses espaços. E aí, como resultado positivo, foi a eleição da deputada Joenia Wapichana (1973), que foi eleita a primeira mulher indígena parlamentar. Em toda a história, tivemos apenas o deputado Mário Juruna, que foi eleito na década de 80, ainda antes da redemocratização. Antes da Constituição de 88, ele foi eleito e daí nós tivemos mais de 30 anos de ausência indígena dentro do Congresso.

Em 2018, a gente acaba com isso. Elegemos a deputada Joenia Wapichana. Entendemos a presença dela ali como fundamental para articular muitas pautas daquilo que a gente defende e também para bloquear e tentar impedir a aprovação de várias outras medidas que eram contrárias aos direitos indígenas, ao meio ambiente e aos direitos humanos. Esti-

vemos ali como base, fortalecendo o mandato da Joenia.

Agora, 2022, entendemos que era importante lançar uma bancada e trazer isso como responsabilidade também do movimento indígena. Porque, em 2018, o movimento indígena fez o chamado, ajudou a candidatura, aliás, articulou, mas não abraçou, não apoiou diretamente. E entendemos que agora, além de fazer o chamado, o movimento indígena tinha que entrar de cara para poder fortalecer as candidaturas, estabelecer alguns critérios e fazer esse acompanhamento.

Assim, em 2022, tivemos 186 candidaturas indígenas registradas pelo Tribunal Superior Eleitoral e estabelecemos, enquanto APIB, alguns critérios para escolher candidaturas prioritárias, porque vocês sabem que o fato de ter 186 não quer dizer que todas as candidaturas estejam alinhadas com o movimento indígena ou que defendam as mesmas bandeiras. Estabelecemos o seguinte: as candidaturas prioritárias para o movimento indígena terão que estar inseridas dentro de alguns critérios.

O primeiro: candidaturas articuladas, alinhadas ou indicadas pelo movimento indígena, seja o territorial, estadual ou nacional.

Critério dois: candidaturas que estão em partidos do campo progressista, porque não

dá para a gente ficar fortalecendo candidaturas em partido de direita e extrema-direita, que historicamente são contrários aos povos indígenas e votam contra nós.

Terceiro critério: candidaturas que têm um potencial maior de viabilidade eleitoral e capacidade de articulação com outros movimentos da sociedade, com outros setores da sociedade, entendendo que somente com o voto indígena é impossível eleger nossos representantes. Era importante formar essas alianças com o MST, com o MTST, com mulheres, quilombolas, quebradeiras de coco, movimentos da periferia, juventude, LGBTQI+.

Então, fizemos uma articulação com esses movimentos que têm pautas semelhantes e que têm pautas comprometidas com situações de vulnerabilidade, que são totalmente marginalizadas pelo Estado. Fizemos tudo isso e, como resultado, tivemos candidaturas apoiadas pelo movimento indígena, tivemos a minha eleição: Sonia Guajajara, pelo estado de São Paulo.

Até ir para São Paulo foi também uma estratégia que a gente adotou, porque, em São Paulo, a gente tinha toda uma condição de aumentar a visibilidade da bancada e promover maiores alianças com outros movimentos, articulando toda essa luta em defesa do meio ambiente. E também ainda contrapor a essas empresas que estão em São Paulo,

que têm sede de São Paulo, que lucram com a destruição do meio ambiente, que apoiam a destruição ilegal dos nossos territórios. Em São Paulo, tínhamos mais visibilidade, a gente podia fazer essa chamada pelos nossos direitos e inclusive questionar a passagem do ouro que vem do garimpo ilegal. E aí foi isso que a gente pensou para ter essa estratégia para que eu pudesse me candidatar em São Paulo. Deu muito certo.

A gente comemora hoje que a nossa forma de organizar foi muito vitoriosa. Temos também a Celinha Xakriaba (1989), eleita deputada federal pelo PSOL, em Minas Gerais, uma candidata prioritária do movimento indígena. Nós duas fomos indicadas pela APIB e pela AMIGA, que é a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade. O que nós chamamos de bancada indígena são as candidaturas indicadas do movimento indígena. Bancada do Cocar. Fizemos o recorte “mulheres indígenas”, que foi apresentado pela AMIGA.

O planeta não precisa de nós, se a gente simplesmente deixa de existir, ele segue seu caminho.

Temos hoje uma Bancada do Cocar que elegeu duas indígenas. Chegamos nisso com o ATL - Acampamento Terra Livre de 2022², que

² Desde 2004, o movimento indígena realiza o Acampamento Terra Livre (ATL), o maior evento indígena do Brasil. Ele ocorre todos os anos em abril e, em 2022, reuniu sete mil participantes, de 200 etnias, se tornando o maior acampamento indígena do mundo.

foi retomando o Brasil, levando as aldeias à política, entendendo que é urgente a demarcação dos territórios indígenas. Mas para isso é importante ter representações na institucionalidade, representações que tenham essa sensibilidade, essa compreensão de que os territórios indígenas precisam ser priorizados pelo Estado brasileiro para serem demarcados, para proteger e para ter as condições para que os povos indígenas façam a gestão desses territórios com segurança e liberdade, dentro das suas terras. E entendendo os territórios indígenas como essa grande barreira contra o avanço incondicional do agronegócio, contra o avanço do desmatamento e contra toda essa exploração desenfreada que acontece hoje com o uso predatório da terra.

Entendemos também que é importante romper com esse modelo econômico hoje, que tem como base o aumento da produção por meio das grandes monoculturas ou pastagens, que acabam degradando totalmente o meio ambiente. Sabemos que não somente nós, seres humanos, precisamos deste planeta: nós o habitamos, mas também habitamos com outras espécies que precisam da nossa responsabilidade, do nosso compromisso de protegê-las. E se a gente não faz essa luta hoje para romper com esse modelo que só destrói, que só degrada, estamos sendo coniventes com esse rumo ao caos.

É preciso entender que dependemos do meio

ambiente protegido, da biodiversidade viva. O planeta não precisa de nós. Se a gente simplesmente deixar de existir, ele segue seu caminho. Mas precisamos hoje evitar que haja uma catástrofe. Para salvar a humanidade, precisamos primeiro dessa mudança de comportamento, mudar essa forma de consumo, precisamos de dar um passo atrás.

A gente pergunta:

- *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?*

Acho que fica muito claro de onde viemos: viemos desse lugar, onde o planeta tem muitas espécies, todas com direito de existir.

Onde estamos? Estamos num momento em que o ser humano só vê lucro, olha a floresta em pé, só vê carvão. Olha o subsolo, olha a terra, só vê ouro, minérios que precisam ser retirados. Então, estamos nesse momento de muita ganância, de muita aceleração, onde tudo tem pressa, tudo tem que ser muito rápido, tudo na velocidade do WhatsApp. Tu não tens mais domingo, tu não tens mais feriado, não tem mais noite, porque qualquer mensagem que você recebe tem que ser respondida imediatamente e você acaba se acelerando também, pegando esse ritmo onde a gente não tem tempo para viver, a gente não tem tempo nem muito para pensar, porque está tudo muito acelerado. E aí lembro bem

o velho Xakriaba, nosso ancião, avô dessa linha, inclusive, que diz assim:

- Antigamente a gente não tinha relógio, mas tinha tempo; hoje a gente tem relógio, mas não tem tempo.

A gente está o tempo todo correndo. Então, esse é o lugar que a gente está hoje, muita aceleração, muita pressa e muita sede para atender o capitalismo e o capitalismo é só destruição, é uso predatório da terra, é centralizador, opressor.

E aí, para onde vamos? Se a gente não cuidar agora dessa mudança, não vamos para lugar nenhum. Estudos já mostram que o planeta não suporta mais cinquenta anos, se a gente não agir agora para essa mudança comportamental e de uso mesmo da terra. Entendemos que é importante a gente estar do lado de cá fazendo toda essa mobilização para realizar um enfrentamento direto. Mas é importante também levar essa consciência para dentro da institucionalidade e fazer esse chamado para a sociedade, para todas as sociedades, para essa nova consciência política, ecológica, ambiental, que todas as pessoas precisam ter neste momento.

E esse chamado que fazemos neste momento é o que estamos denominando “reflorestar mentes”. É você reflorestar o seu pensamento, é você reflorestar suas ideias, seus projetos,

é você reflorestar o seu coração. Se a gente refloresta o nosso coração neste momento, a partir dessa nova consciência, a gente consegue reflorestar todos os territórios do mundo. Esse é o chamado para a solidariedade, é esse chamado para essa urgência que é essa vida em comunidade, essa luta pelos bens comuns, para uma vida coletiva.

No país do agronegócio, 30 milhões de pessoas que não têm acesso à alimentação.

Para nós, indígenas, o princípio da existência sempre foi o coletivo e hoje a gente vive esse individualismo, onde cada um tem que ter o seu, cada um tem que cuidar do seu, e o coletivo vai ficando para trás. E isso é o que diferencia essa luta que a gente faz pela demarcação das terras indígenas, porque os territórios indígenas são de uso coletivo. O que tem no território indígena é bem comum para todo mundo, diferentemente do que são as fazendas, do que são as lavouras do agronegócio que, quando muito, são de uma família. Mas a maioria é de uma pessoa, é de uso individual e nunca a propriedade é suficiente, é sempre uma demanda crescente por mais espaço para produção, para produção em grande escala, para exportação.

Então, temos essa missão agora, no Congresso, de entender e divulgar que a luta política também é importante e que a gente precisa estar dentro para a gente trazer

aquilo que realmente defende, para aquilo que realmente caracteriza a luta pela vida. Para mim, nunca pensei em ocupar um lugar como esse para ter status ou simplesmente para ter poder, mas para a gente poder ter ali a possibilidade de apresentar as pautas que realmente defendem a vida, a vida verdadeira. É pensar o dia a dia, é pensar a alimentação para as pessoas, é pensar como fortalecer a agricultura familiar com distribuição de terra, para que as pessoas possam produzir o alimento que a gente come. Não dá para a gente ficar escutando essa propaganda o tempo todo, que é o agronegócio que sustenta o Brasil, que 27% do PIB brasileiro vêm do agronegócio, portanto, ele precisa estar sempre subsidiado pelo governo.

Acho que vale a gente começar a questionar também para onde estão indo esses 27% do PIB, a quem está servindo esse PIB que vem do agronegócio. Se o Brasil é o país do agronegócio, porque é que temos 30 milhões de pessoas que não têm acesso à alimentação, não é? Se o Brasil é o país onde é o agro que sustenta, porque é que temos mais de 30 milhões de pessoas sem moradia, que não têm casa para morar? Pessoas sem emprego. Então é preciso você pensar também:

- Tá, é o agronegócio que está dando 27%, mas o que está sendo feito com esse lucro?"

Para as pessoas, não estão fazendo nada,

para as pessoas não está chegando. Então é um modelo que beneficia somente aqueles que mais têm. E aí você vê: todos os estudos mostram os ricos cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres. Então, é o modelo que precisamos contrapor, precisamos fazer esse debate:

- A quem interessa esse modelo econômico?

- A quem interessa esse PIB, se as pessoas não estão tendo acesso a ele?

E temos uma Constituição Federal que dá o direito à moradia, o direito à alimentação, as pessoas têm que ter três alimentações por dia, o direito a uma boa educação e a uma saúde de boa qualidade.

Mas o fato de você ter esse direito escrito não quer dizer que você tenha acesso a ele. Então, se você dá o direito, você tem que dar condição para que as pessoas acessem esse direito. E hoje, quando a gente fala para as pessoas somente de direito, as pessoas não estão nem aí. Porque o que adianta ter o direito se eu não pego, se eu não apalpo, se eu não sinto esse direito chegar para mim.

Além do mais, esse direito escrito está totalmente ameaçado pelo governo Bolsonaro. Vivemos um desmonte total de políticas públicas, de direitos adquiridos. Você viu aí

a política indigenista, a política ambiental totalmente desmoronada nesses quatro anos. Agora, você imagina, se a gente tem um direito já escrito e você não consegue acessar, imagina se você não tem. Hoje a gente faz uma luta com base num direito, com base no respaldo legal, para que você possa implementar esse direito. A gente luta para que esse direito seja respeitado, seja implementado, seja efetivado.

Mas se a gente não tem esse direito, como é que a gente vai poder fazer a luta? E aí entra essa questão do autoritarismo, do risco que vivemos neste momento, democracia ou autoritarismo? Porque se você não tem esse direito legal e você perde também o direito de se mobilizar, o direito de lutar por isso, aí não tem jeito. Então, é isso que nos faz neste momento pensar também sobre as eleições, que não estamos apenas para escolher entre um presidente ou outro, ou um partido ou outro. Estamos nesse momento para escolher sobre o que queremos para o nosso futuro, é a nossa democracia, aquela que nos dá o direito de continuar lutando, que nos dá o direito de continuar participando, de continuar inclusive participando das disputas eleitorais, para que aumente essa representatividade, dessa diversidade que é o Brasil, essa diversidade cultural, territorial, étnica que existe e que não está representada hoje na nossa democracia.

É nos territórios indígenas onde menos se desmata, mesmo sem uma política efetiva de proteção.

Temos que continuar com o direito de continuar lutando para que a democracia, em algum momento, também contemple essa diversidade, tenha a cara do Brasil. Então, hoje é isso que está em jogo, é a democracia ou o autoritarismo, ou mesmo a ditadura que muitos de nós aqui já vivemos, já conhecemos e sabemos bem o que representa. E muita gente que tem menos de 30 anos, só imagina ou, às vezes, nem imagina o que é ditadura. Por isso ficam hoje nas ruas brigando contra a democracia, o que é um absurdo e também inaceitável.

A gente vê hoje muitos jovens falando aí, defendendo o Bolsonaro como uma melhor alternativa para o Brasil. É difícil a gente entender como as pessoas não conseguem refletir sobre o passado e ficam defendendo ditadura. É muita coisa, muita questão que está em jogo, mas, no fim das contas, a terra se tornou o principal objeto de disputa pelo poder político, pelo poder econômico. E aí, é claro que, em toda a nossa história, todo e qualquer plano de desenvolvimento nacional de crescimento econômico teve como base a retirada daqueles que atrapalham. E nós, povos indígenas e a população negra, sempre estivemos nesse lugar como obstáculo, porque a gente sempre defendeu, sempre tivemos essa relação direta e aí sempre fo-

mos expulsos, retirados e aí é o que acontece hoje, de termos muitos povos indígenas ainda lutando pela retomada do seu território tradicional.

Muitos indígenas ainda em situação de acampamento, de estar na beira das estradas, que não têm sua terra, porque a terra foi entregue pelo próprio Estado brasileiro, principalmente na ditadura militar, para fazendeiros, para o agronegócio, para especulação imobiliária. E aí os indígenas seguem hoje lutando pelo território tradicional. E exatamente nesse governo Bolsonaro houve uma decisão política de não demarcar territórios indígenas. Aquilo era promessa de campanha, quando Bolsonaro disse:

- Na minha gestão não haverá nem um centímetro de terra demarcada para os índios.

Aquilo que era promessa de campanha se transformou em política pública logo no primeiro dia do seu governo. E daí a gente viu, foi o único governo que em toda a história que não demarcou nenhum território indígena.

E vemos toda uma mobilização da bancada ruralista que traz essa falácia toda, que é muita terra para pouco índio, mas é muito importante que todo mundo comece a pensar o papel dos povos e dos territórios indígenas para o Brasil, para o mundo, para o planeta,

porque, comprovadamente, é nos territórios indígenas onde menos se desmata, mesmo sem uma política efetiva de proteção.

Vocês viram aí, nos últimos estudos do desmatamento, que, de 27% desmatado, 1%, somente 1%, foi nos territórios indígenas. E aí isso não acontece porque tem uma política efetiva de proteção, porque o próprio modo de vida indígena, por si só, protege.

É muito importante as pessoas entenderem esse papel que os povos indígenas, com seu modo de vida, exercem para a proteção do meio ambiente e o quanto esses territórios contribuem como benefício para toda a humanidade e para todo o planeta.

Fala-se muito dos 13% que são território indígena no Brasil e pouco se fala dos 46% ocupado pela propriedade privada rural. Como não se questiona essa quantidade que está na propriedade privada, que é o lugar que mais emite os gases de efeito estufa, o gás carbônico, por meio da degradação ambiental, por meio das queimadas? E quando você olha o mundo inteiro, o que mais emite combustíveis fósseis são as indústrias. Mas o recorte Brasil é desmatamento, é degradação, é queimada. E aí, como combater tudo isso? Como combater as queimadas e o desmatamento no Brasil?

Uma legislação que pretende premiar os invasores de terras públicas, terras indígenas.

No ano passado, na COP26³, os representantes do Itamaraty do governo Bolsonaro foram à Conferência do Clima e declararam:

- Nós vamos zerar o desmatamento ilegal no Brasil até 2030.

Na volta, articularam no Congresso Nacional a aprovação do PL490⁴⁵, que é esse que inviabiliza toda e qualquer demarcação de terra indígena e abre as portas para passar a boiada do Sales⁶. O PL191, que autoriza a mi-

3 A COP - Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima é a maior e mais importante conferência sobre o clima do planeta. A COP26 de 2021 foi a 26ª conferência das partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, realizada entre 1 e 12 de novembro de 2021 na cidade de Glasgow, na Escócia.

4 Projeto transfere ao Poder Legislativo a competência para demarcar terras indígenas

Atualmente, demarcação é feita pela Funai; autor do projeto argumenta que essa decisão ultrapassa os limites da política indigenista.

O Projeto de Lei 490/07 transfere do Poder Executivo para o Legislativo a competência para realizar demarcações de terras indígenas. Segundo o texto, que tramita na Câmara dos Deputados, a demarcação será feita mediante aprovação de lei na Câmara dos Deputados e no Senado. A proposta altera o Estatuto do Índio.

A proposta foi aprovada pela Comissão de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural, rejeitada pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias e aguarda análise da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. Depois, seguirá para discussão e votação no Plenário.

FONTE: Agência Câmara de Notícias

<https://www.camara.leg.br/noticias/109190-projeto-transfere-ao-poder-legislativo-a-competencia-para-demarcar-terras-indigenas/>

5 PL 490/07: ENTENDA O QUE PRETENDE O PL DO MARCO TEMPORAL

LAYANE HENRIQUE

PL 490/07: entenda o que pretende o PL do Marco Temporal.

Disponível em: <https://www.politize.com.br/pl-do-marco-temporal/>

Publicado em: 31/05/2023, atualizado em: 27/06/2023, acesso em: 09.10.2023.

6 Ministro do Meio Ambiente defende passar "a boiada" e "mudar" regras enquanto atenção da mídia

neração nos territórios indígenas; o PL2633, que premia invasores de terras públicas na Amazônia que são, em média, 73 milhões de hectares de terras públicas não destinadas, não destinadas, porque o Estado brasileiro não cumpre o seu dever de regularizar, de demarcar terras indígenas, de regularizar território quilombola, de regularizar as unidades de conservação. Então, estão lá como terras públicas não destinadas.

E aí, os criminosos aproveitam para invadir nossas terras, fazer curral, desmatar, porque aquele que comprovar alguma benfeitoria é premiado com o título de posse daquela área.

Então, o PL2633 tem esse objetivo de premiar os invasores de terras públicas. E aí eu estou citando esses três. E tem mais um PL temporal do Supremo Tribunal Federal que também é apoiado ali e está dentro do PL490 no Congresso. E daí seguem mais de 200 medidas que tramitam no Congresso Nacional, que visam flexibilizar a legislação ambiental e retirar direitos adquiridos, sejam direitos

está voltada para a Covid-19

Declarações ocorreram em reunião do dia 22 de abril, cujas imagens foram divulgadas nesta sexta (22) pelo ministro do STF Celso de Mello. Salles defende mudar regras de proteção ambiental enquanto imprensa se concentra na Covid

Durante a reunião ministerial do dia 22 de abril, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, alertou os ministros sobre o que considerava ser uma oportunidade trazida pela pandemia da Covid-19: para ele, o governo deveria aproveitar o momento em que o foco da sociedade e da mídia está voltada para o novo coronavírus para mudar regras que podem ser questionadas na Justiça, conforme vídeo divulgado nesta sexta-feira pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Celso de Mello.

FONTE: GI / POLÍTICA / 22/05/2020

<https://gl.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>

indígenas, sejam os direitos ambientais.

Aqui vale a gente pensar que fazer a defesa do meio ambiente é a gente pensar exatamente para onde a gente quer ir, aonde a gente quer chegar. E é sim uma luta política! Temos que fazer toda uma luta política e defender ou apresentar candidaturas que tenham esse pensamento, esse comprometimento com o meio ambiente, com os meios da produção dos sistemas alimentares. Não dá para pensar as monoculturas como uma única forma de produção de alimentos, não dá. Até porque as monoculturas hoje não são produção de alimento para a gente comer, é produção de alimentos para exportação, sempre pensando somente no lucro.

Um estudo da ONU também já mostra que esse modelo hoje, por meio das monoculturas, reduz entre 25% e 30% a produção da diversidade de alimentos daquilo que a gente verdadeiramente come. Então, se a gente segue com esse modelo, a própria alimentação está em risco no que diz respeito àquilo que a gente tem para comer, não é?

Chegamos ao Congresso com essas prioridades: retomar a demarcação de terras indígenas, sabendo que não é obrigação, não é uma competência do Legislativo, mas podemos articular com o Executivo para retomar a demarcação de terras indígenas no país, distribuir sim essas terras (os territórios tradicionalmente ocupados pelos indígenas precisam ser

regularizados); fortalecimento da agricultura familiar; fortalecimento da agroecologia, da agrofloresta. Sem esquecer de pensar a educação como um espaço de conscientização para que as pessoas possam mudar as suas formas de consumo e pensar essa cadeia de produção, de onde vem, o que está impactando nos direitos humanos, no meio ambiente, assim como também a educação como esse lugar que conheça a própria história do Brasil.

Se hoje, por exemplo, nós, indígenas, causamos estranheza em vários lugares e as pessoas não sabem que no Brasil existem indígenas ou acham que só existe indígena na Amazônia é porque o nosso sistema educacional não está conseguindo falar sobre a nossa própria história. Quem não conhece a presença indígena hoje ou não conhece que o Brasil é um país originariamente indígena, não sabe a sua própria história. Então é importante pensar essa educação também como esse espaço de conhecimento da realidade brasileira e o que nós, povos indígenas, contribuimos também para o planeta.

Entendemos que o Congresso Nacional é um lugar também para essa chamada de consciência e, mais do que pensar somente a aprovação de novas leis ou apresentar projetos de lei, é a gente pensar como implementar as leis que existem, como fazer com que esses direitos que existem cheguem de fato para as pessoas e como podemos usar esse espaço também

da institucionalidade, para a gente fazer essa chamada para essa nova consciência, que é tão urgente, que as pessoas precisam ter, para entender essa crise climática e como combatê-la. E demonstrar como é importante essa mudança no modelo de produção, na forma de consumo, porque se a gente não fizer isso agora, não é somente os direitos que estão em risco, mas a nossa vida, a nossa própria existência. E aí não é somente nós, indígenas, é toda a humanidade.

E aqui termino dizendo que para a Covid, que foi esse fenômeno pandêmico que a gente viveu nos últimos dois, três anos, pudemos encontrar uma vacina, o antídoto que conseguiu conter a pandemia. Mas para as mudanças climáticas, qual é a vacina? O que se precisa fazer para conter as mudanças climáticas? A única vacina que temos é a consciência dos humanos, somente a consciência dos humanos. E é por isso que termino chamando para o reflorestar mentes. É preciso reflorestar mentes e corações das pessoas para assim a gente conseguir reflorestar todos os territórios do mundo. Muito obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Reflorestar mentes e corações

Obrigada, Sonia. Valeu demais essa contribuição tão rica que você traz para a gente. Enquanto vamos aguardando as questões que

vocês, na certa, terão para a Sonia, quero destacar aqui isso que você coloca mesmo no final, a questão do reflorestar mentes e corações. Isso aí tem que ser um bordão para a gente ir repetindo sempre, porque, na verdade, creio que o que você traz a partir da palavra, da voz, dos povos originários, dos indígenas, ela tem que ser feita nossa também, de todos, de todas as instâncias da política.

Acho que o que você traz é mesmo esse convite para a reflexão que a gente procura trazer aqui também, pensando na enfermidade do planeta. Você falou numa vacina, não é? E você já aponta uma resposta: a conscientização. Agora, como fazê-la acho que é o grande desafio nosso. Como fazê-la a partir não apenas de uma instância que é formal, que é essa que agora você tem presença nela, mas num espaço mais amplo, além do contexto político, e não só brasileiro, mas mundial.

Já temos pergunta aqui, mas eu queria que você trouxesse algum comentário que você tem a propósito das intervenções que se fazem não apenas no Brasil, mas no contexto mundial, da sua participação, a propósito disso.

SÔNIA GUAJAJARA

Por causa de nossa ação internacional, governantes disseram que posso ser condenada por crime de lesa-pátria por

estar difamando o Brasil, difamando o presidente Bolsonaro.

A gente tem tido uma articulação forte com uma rede internacional e uma rede consolidada que começou em 2019. Em 2019, a APIB realizou uma jornada pela Europa com a campanha *Sangue indígena nenhuma gota mais*. Essa campanha ficou 35 dias rodando 25 cidades em doze países, na Europa. A gente articulou com organizações da sociedade civil, vários movimentos, com representantes de empresas que produzem ou financiam ou compram produtos no Brasil, com o Parlamento Europeu, com o sistema ONU' Organização das Nações Unidas, OEA - Organização dos Estados Americanos, CIDH - Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

Começamos a discutir como essas empresas podem assumir sua responsabilidade por meio de seus modos de produção. Articulamos com o Parlamento Europeu a elaboração de leis. Leis que pudessem garantir a rastreabilidade dos produtos dessas empresas e adotar sanções para aquelas que descumprissem os princípios de direitos humanos e a proteção ambiental. Com a sociedade civil, discutimos também para que as pessoas pudessem continuar pressionando os parlamentares, cada um no seu país, para a formulação dessas leis. Aquele foi um momento muito importante para criarmos toda essa rede com empresas, com a sociedade civil, com o próprio Parlamento Europeu.

Uma rede que não se desfez. A gente segue até hoje, sempre chamando o Parlamento Europeu para se posicionar. Temos consciência de que o Parlamento Europeu é composto por direita e esquerda, e a gente articula com aqueles que sempre comungam das nossas ideias.

Em 2020, o Parlamento Europeu se manifestou. Foi um fenômeno. Quando o Congresso Nacional estava tentando aprovar o Projeto de Lei 2633, aquele que premia invasores. Fizemos uma grande articulação aqui na sociedade que incluiu muitos artistas e foi no auge da pandemia, estava aquela loucura, aquele inferno, muita gente morrendo e eles aproveitando exatamente para passar a boiada no Congresso.

Articulamos para que não fosse aprovado esse projeto de lei. Acionamos essa rede na Europa e aí eles mandaram uma carta diretamente para o presidente da Câmara, o Rodrigo Maia. Foi uma rede de mais de 40 empresas. Elas disseram que se o Brasil insistisse em ficar aprovando leis que promovem a destruição do meio ambiente, elas iriam cancelar os seus negócios com o nosso país. Isso foi a gota de água para que esse projeto de lei fosse retirado da pauta. Naquele momento, ele foi retirado de pauta e ficou todo o restante do ano de 2020 fora do jogo. Só no ano passado, quando mudou de presidente para o Arthur Lira, ele retoma esse projeto de lei de novo e agora ele já foi votado na Câmara e falta levar para o Senado.

Coloquei essa questão da jornada porque foi uma grande oportunidade que a gente teve de consolidar essa rede internacional. E a gente chama sempre que possível ou quando a gente precisa de uma pressão maior para eles se posicionarem e a gente tem conseguido grandes feitos.

Fora isso, a gente tem participado frequentemente nas assembleias da ONU, das conferências climáticas, do Conselho de Direitos Humanos, que tem sede em Genebra, da ONU. Também temos levado essa voz do Brasil, dos povos indígenas para esse campo internacional de forma muito boa, muito positiva. Claro, já gerou até denúncia contra mim desse governo, de dizer que ando falando mal do Brasil lá fora, que posso ser condenada por crime de lesa-pátria por estar difamando o Brasil, difamando o presidente Bolsonaro. Mas tudo isso faz parte, não tem jeito.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Os louvores que se dão à nossa pseudodescoberta ficam para o colonizador e não para o povo que aí está, o povo originário.

E enquanto você falava, eu estava lembrando de algo que o escritor e ativista Eduardo Galeano (1940-2015) traz num de seus livros, que é curioso. Ele fala da primeira expulsão de classe que teve em uma escola, que foi

quando a professora disse que Balboa, conquistador espanhol, tinha sido o primeiro a ver, do alto de uma montanha, os oceanos Pacífico e Atlântico, na América Central. Galeano levantou a mão e perguntou:

- Os indígenas eram cegos?

Foi expulso da sala.

É um pouco para contestar mesmo que todos os louvores que se dão à nossa pseudodescoberta ficam para o colonizador e não na voz do povo que aí está, o povo originário.

Fernando Rios traz aqui uma questão para você.

FERNANDO RIOS

A Amazônia tem sido o principal tema ambiental não só no Brasil, mas sobretudo nos outros países. Uma das áreas mais importantes para o nosso país é o sertão nordestino, uma grande área que vai do Maranhão até a Bahia e que precisa de uma atenção especial para não se desertificar. Nessa região aconteceu um dos maiores genocídios de indígenas brasileiros. Vale lembrar o belo livro Grande Sertão, do professor e antropólogo Dirceu Lindoso (1932-2019), que conta a dolorosa história da destruição de dezenas de etnias dos povos originários da região. Como você avalia as medidas necessárias para a preservação des-

sa área e a valorização dos descendentes dos povos originários? O que tem sido feito?

SÔNIA GUAJAJARA

Nossa expertise é desarticular as iniciativas que são contrárias aos povos originários.

Olha, o que tem sido feito, pelo menos por nós, pelo movimento indígena, é mobilizar e tentar impedir a aprovação de medidas no Congresso que autorizem todo esse desmatamento e a utilização dessa área para outros fins, como do próprio agronegócio. Acho que a área a que ele se refere é o Matopiba, que é Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, que está ali como uma das grandes prioridades também de ser aprovada no Congresso para ser entregue ao agronegócio. É uma região de cerrado, riquíssima, que ainda não foi nada desmatada e, por mais que a Confederação Nacional da Agricultura, a CNA, e a bancada ruralista digam que o setor do agronegócio no Brasil não está mais desmatando e que eles estão utilizando áreas já degradadas, não passa sempre de uma grande mentira. Até porque, se fosse assim, eles não fariam tanto esforço para sempre desmontar a legislação ambiental. Veja a tentativa que estão fazendo de aprovar a exploração na região do Matopiba.

Nós, do movimento indígena, temos feito uma grande articulação para evitar a aprovação

dessas medidas que legalizam a exploração nessa área. E é isso que vamos seguir fazendo, porque, dentro do Congresso, a gente vai estar sempre tentando desarticular. Nossa expertise é desarticular as iniciativas que são contrárias aos povos originários. É desarticular e impedir a aprovação dessas medidas.

Sabemos que ali somos minoria em quantidade de parlamentares que defendem essas pautas. Somos minoria. Mas também o fato de a gente ser minoria em pessoa não quer dizer que eles, sendo a maioria, tenham as melhores pautas, as melhores políticas. Então, vamos contar muito com esse apoio da sociedade, dessa pressão mesmo dos movimentos para estar respaldando e estar apoiando ali o que a gente estiver defendendo. Vamos seguir convocando a sociedade para estar junto com a gente. Ali a gente faz pressão, mas também é importante esse apoio popular do lado de fora.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É por meio de um processo educativo que vamos construindo nossas humanidades

Obrigada, Sonia. Aqueles que queiram trazer as suas perguntas ao vivo podem abrir seus microfones e imagem. Temos um tempo mais breve, até 11:30, porque a Sonia tem outro compromisso e vai precisar sair antes. Vamos aproveitar para as perguntas que vocês quei-

ram trazer, as questões que julguem importantes. E você também, Sonia, fique à vontade para retomar aquilo que você julga que possa também trazer adiante.

Quero lembrar que, no caminho do nosso ciclo, a gente trouxe mesmo profissionais que puderam discutir as questões que você está contando, principalmente, na perspectiva da educação 'que educação fazer?', porque a educação é a construção da humanidade mesmo. É por um processo educativo que a gente vai se tornando humanos, seres humanos, passamos da espécie, que é o *Homo Sapiens*, para seres humanos. É por meio de um processo educativo que vamos construindo nossas humanidades. Pensei, enquanto você falava sobre isso, no contexto da educação e no contexto indígena brasileiro, como é que ela se organiza, se há especificidades em relação a isso e, principalmente, dessa educação, que você fala que falta, que é de conscientização, não só da existência, mas da atuação desses povos. Gostaria de ouvi-la em relação a isso.

SÔNIA GUAJAJARA

Nas aldeias, se aprende sempre fazendo, é aprendendo a plantar, aprendendo a colher, é essa vida coletiva, essa vida em comunidade.

A educação escolar indígena é responsabilidade dos Estados enquanto federação e há

uma carência muito grande de condições para que essa educação funcione a contento e falta inclusive estrutura física e de garantia para esses profissionais da educação. Acaba que fica muito a desejar nesse campo da educação formal, como também no campo da educação empírica, que vem do conhecimento próprio dos povos. Nas aldeias, se aprende sempre fazendo, é aprendendo a plantar, aprendendo a colher, é essa vida coletiva, essa vida em comunidade.

É isso que a gente gostaria muito que a própria escola formal pudesse absorver, tanto dentro da estrutura do Estado como também nas próprias universidades, porque, quando os indígenas hoje vão para a universidade, tudo bem, temos a cota que permitiu a chegada, o auxílio permanência, que agora também está sob ameaça, que é o que garante a continuidade, essa permanência dos indígenas de universidade.

Mas ainda falta esse acolhimento das universidades em possibilitar essa troca, a troca de saberes. Acaba que os indígenas chegam às universidades e aí começam até a deixar de ser indígenas, porque nada do que vão aprender ali tem a ver com a sua vida própria. E a universidade também não consegue aproveitar aquele saber que eles trazem para que se possa também fazer essa troca com outras pessoas.

Temos defendido muito que a universidade precisa abrir esse espaço. Digo “universidade”, mas acho que o ensino básico pode também fazer isso, sei lá, promover intercâmbios, trazer lideranças para falar das vivências, das realidades, da luta hoje, porque tanto no ensino básico quanto na universidade, você ainda vê hoje falar de indígenas como povos do passado. É costume ouvir:

- Os índios viviam ou moravam, caçavam, pescavam.

É sempre no verbo passado, é como se a gente não existisse hoje e pouco se fala da realidade hoje dos indígenas. Quantos povos têm no Brasil, quantas línguas faladas, quais as principais lutas, quais os enfrentamentos, quais os desafios para a inserção dos indígenas também na universidade, no mundo do trabalho. Não se trata disso em nenhum lugar. E por mais que a gente tenha a Lei 13.645, que garante o ensino afroindígena nas escolas, no ensino básico, essa lei não é implementada e sempre se alega que não há profissionais especializados e aí não se consegue.

Em alguns lugares onde há essas classes, lugares onde se trabalham essas questões, são professores que, por conta própria, vão lá, se atualizam, se informam e tentam fazer essa discussão, mas nada muito sistematizado. É muito importante que as esco-

las se preparem para isso também. Para essa troca e para a implementação dessa lei, utilizando os próprios indígenas, as lideranças, os movimentos indígenas para vir fazer essa discussão na sala de aula. Acho que isso é uma forma também de a gente ir tornando isso concreto.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O apoio popular em relação à temática ambiental é bastante difícil. Mudanças no sistema educacional são fundamentais para alterar esse quadro.

Sem dúvida. É verdade isso que você aponta, de falar dos indígenas no passado e falar também que é uma coisa complicada, de relações amigáveis com os colonizadores e de contar a história romântica que não vai ao encontro da verdade.

O Fernando Nogueira de Paula traz uma consideração aqui para você, Sonia.

FERNANDO NOGUEIRA DE PAULA

Infelizmente, a questão ambiental não é bem-vista pela população em geral. Apoio popular em relação a essa temática é bastante difícil. Mudanças no sistema educacional são fundamentais para alterar esse quadro. Porém, os resultados são em médio e longo prazo, infelizmente. Da mesma maneira que

vem ocorrendo com as cotas em universidades, muita coisa precisa mudar por força de lei.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Vou emendar com a fala do Fernando Nogueira, pensando em algo que você também já mencionou: leis são estabelecidas, a palavra da lei está ali, mas nem sempre se cumpre a lei, se segue o seu espírito e se caminha efetivamente na direção das mudanças. Diga lá, Sonia.

SÔNIA GUAJAJARA

Quem se elege mais não é pelo voto, é pelo poder econômico, quem tem mais dinheiro leva. Vence o poder econômico.

É isso, é preciso que haja sempre esse acompanhamento popular, porque uma coisa que sempre tenho falado também é que há esse distanciamento muito grande entre o poder e o povo, a sociedade. Nosso modelo de democracia representativa já não é mais suficiente para contemplar todas as pautas. É muito importante que a gente tenha representações ali, que tenha esse elo direto também com essa diversidade e que possa estar junto sempre. Acho que não dá para ter mais esse abismo entre o poder e o povo. A gente está ali, afinal de contas, as pessoas que estão ali foram eleitas pelo povo para apresentar as pautas que traduzam a voz do povo. E aí,

quando o candidato se elege, parece que ele se esquece do que prometeu, fica muito distante, parece que é outra pessoa, que vive em outro mundo.

Isso depende muito também das representações que a gente elege porque a forma de se fazer campanha política no Brasil ainda é uma forma muito injusta, muito desigual, onde quem se elege mais não é pelo voto, é pelo poder econômico, quem tem mais dinheiro, leva. Vence o poder econômico. Quem tem menos não consegue nem chegar perto. Isso cada vez mais se acirra e eu sei que é difícil mudar.

É difícil porque a gente que vive num país tão carente de tudo, de políticas públicas que funcionem, com tamanha desigualdade, as pessoas se aproveitam nesse período das eleições para poder suprir suas necessidades pessoais e aí acabam devendo favor para sempre para aqueles que receberam o voto delas. E isso vai se reproduzindo o tempo todo. É muito difícil pensar hoje como é que a gente muda, mas acho que vale esse debate permanentemente para as pessoas irem refletindo.

Mas acho que outro meio de se mudar isso é exatamente a educação. Temos que ter uma educação mais crítica e mais acessível para todas as pessoas; precisamos de professores que promovam mesmo, de fato, a reflexão para que a gente possa mudar. Acho que só mesmo mudando uma geração. Com os indivíduos é

difícil você conseguir mudanças; mas tem que se começar a trabalhar mesmo a mudança em geração.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A utopia não é o que é impossível de existir, mas é o que “ainda não” existe. Esta é a expressão da esperança; “ainda não”.

Alguém gostaria mais de trazer a sua observação, a sua pergunta? Quero já ir encaminhando para pensar nesse contexto geral do ciclo e que traz esse complemento rico que a Sonia cede para a gente e traz aí com a sua palavra rica. A gente criou o ciclo exatamente no sentido de proporcionar uma reflexão de caráter crítico para olhar de um jeito diferente aquelas coisas que estão presentes no nosso cotidiano. Muitas vezes a pressa, e Sonia já fez referência a isso, o tempo apressado impede a gente de fazer essa reflexão. Temos também o propósito de ser algo que a gente possa fazer juntos, coletivamente e com uma perspectiva utópica mesmo. Queríamos trazer os temas com a intenção de explorá-los pensando nesse: “para onde vamos?”

Só há um momento de fazer a história, que é o presente. Este tempo é o tempo de todos nós. Por vezes, a gente fala no passado como o que ficou para trás. Gosto de brincar perguntando às pessoas: onde ficou o garoto

ou a garota de sete anos que você foi? E, no geral, elas dizem que ficou para trás. Que nada, ficou aqui. Eu sou essa mulher hoje por causa da garota de sete anos que fui e da mulher de 90 que quero ser.

Então o tempo é de todos nós. Este é o nosso tempo, hoje, e é nele que se constrói o futuro, que se começa a construir o futuro como um ideal. Por isso falo na utopia, a utopia não é o que é impossível de existir, mas é o que “ainda não” existe. Esta é a expressão da esperança: “ainda não”. Quando digo “ainda não”, significa que eu chego lá. Ainda não temos o país, a educação, o meio ambiente que a gente quer.

- Ainda não, mas podemos chegar lá!

E por isso mesmo é que quero agradecer muito a todas e todos vocês que estiveram conosco nesse caminho. Aqueles que com fidelidade nos seguiram desde o início até agora e, muito especialmente, aos que trouxeram a sua contribuição, que se encerra agora dessa maneira brilhante com a Sônia Guajajara.

O professor João Paulo Pimenta que nos brindou com considerações únicas sobre a história. O professor Ladislau Dowbor, que explorou a questão da economia apontando elementos que depois foram retomados por vários que aqui estiveram. Frei Beto, que fez as discussões a propósito da transcendência

da religião e da política. Rita Von Hunty, que falou sobre educação e que trouxe uma indagação séria para a gente: o que é que se precisa para estar na categoria de humano, quantos são os que têm direito a ser assim chamados. Raquel Rolnik, que pensou na moradia, que pensou junto conosco nessa ausência de casas, de lares. Tales Ab'Sáber trabalhou com a gente as questões da psicanálise, dessa inconsciência que a gente tem em relação à realidade. Maria Elisa Garavelo, que falou a questão da alimentação trazendo, Sonia, aquilo que você mesmo diz: como é que se explica, num país que produz tanto alimento, milhões de pessoas passando fome. O professor César Nunes, que explorou ideias da educação, que trouxe a indagação sobre a necessidade de uma educação democrática, solidária. Tatiana Roque, que abordou questões relacionadas a ciência e a política.

E agora trazendo você, Sonia, a gente, com muita alegria, encerra este ciclo. Eu disse que é uma perspectiva utópica. Por quê? Porque nos ajuda a pensar hoje em como cada um de nós vai construir esse futuro. Você mesma disse que a democracia representativa parece já não atender, mas é importante pensar nela: nessa ideia da representação. Acho que nesta semana, particularmente neste dia, é bom a gente pensar que nós é que estaremos lá na pessoa de nossos representantes: quem representa é o que está no lugar de... Eu não posso ir, peço para Fer-

nando me representar e tenho a expectativa de que ele aja como eu agiria. Não é que ele faça o que eu tenho que fazer, mas é em função de um programa, de um projeto que é desenvolvido. É saber que você está lá no meu lugar, é fazer o que você disse que faria se fosse eu mesma, porque penso assim. Então, acho que é fundamental buscar esse país, essa vida que a gente precisa.

O Fernando Nogueira de Paula agradece.

FERNANDO NOGUEIRA DE PAULA

Muita força, Sonia, nessa nova empreitada como deputada. Você será extremamente testada e desafiada pelos colegas do Legislativo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

E vou me juntar a ele, Sonia, para te dar a palavra para você terminar dizendo que a gente não tem dúvida que será com a garra e a coragem que você tem mostrado, que você vai nos representar por lá. Também por isso, desejamos a você muito boa sorte e agradecemos imensamente a sua contribuição. Não posso deixar, por último, de agradecer ao Sesc, a parceria bonita, calorosa, que foi feita primeiramente com a presença de Sabrina e depois com a Juliana e Giovana. Obrigadíssima por estarem com a gente. Estamos em companhia da melhor qualidade e tomara que a gente possa seguir adiante assim.

GIOVANNA BENJAMIN TOGASHI

Terezinha, a Sonia tinha um compromisso e precisou sair. Ela não está mais na sala.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Então, olha, aí vou pensar em amarrar trazendo outro nordestino da melhor qualidade, o poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Apenas para um recadinho para todos nós nesta finalização do trabalho.

Antes, temos mensagem da Tatiana Vasconcelos.

TATIANA VASCONCELOS

Força e apoio à Sônia nessa nova empreitada! Parabéns ao CPF pelo evento e organização.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

E lá vai o João Cabral:

Um galo sozinho não tece uma manhã, ele precisará sempre de outros galos, de um que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro, de outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro, e de muitos outros galos, que com outros galos se cruzem os raios do sol de seus gritos de galo para que a manhã, em vez de uma teia tênue, se vá tecendo entre todos os galos. Um galo sozinho não tece uma manhã.

E aí, peço licença para o João Cabral para deslocar uma letrinha. Ele diz:

Um galo sozinho não tece uma manhã.

Eu desloco e digo:

- Um galo sozinho não tece “um amanhã”.

Por isso mesmo é que vamos em direção a esse futuro que podemos tecer juntos e vamos fazê-lo com coragem, com muita esperança. Obrigada a todos, todas.

GIOVANNA BENJAMIN TOGASHI

Obrigada. Obrigada, Terezinha, e a vocês que estiveram conosco aqui. Relembramos que, em breve, as transcrições das palestras estarão disponíveis na biblioteca do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. Desejo um ótimo final de semana para vocês. Obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Um beijo para todas e todos.